PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ - VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 97 MAIO 1975 XI ANO

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO DESTE JORNAL

NESTE NÚMERO

Tribuna do proletariado militante

"A CLASSE OPERÁRIA" está completando seu 50º aniversário de fundação. Este fato, extremamente auspicioso e de enorme significação, enche de júbilo os comunistas, todos os democratas consequentes. O órgão central do Partido Comunista do Brasil, em sua trajetória difícil mas gloriosa, firmou uma admirável linha de independência, de combatividade e coerência. Erigiu-se num marco luminoso e perene do movimento revolucionário brasileiro.

Jornal de Trabalhadores feito para Trabalhadores, "A CLASSE OPERÁRIA" guardou fidelidade à legenda que a inspirou. Vem dedicando-se a desmascarar o odioso sistema econômico, social e político imperante no país, a despertar, mobilizar e unir as massas exploradas e oprimidas a fim de que conquistem sua emancipação sob a hegemonia do proletariado, a educar os comunistas no sentimento da abnegação a serviço do povo. Eminentemente política e revolucionária, jamais claudicou em suas posições ou traiu os interesses do proletariado.

A impressão e a difusão de "A CLASSE OPERÁRIA" por tão longo período representam uma epopéia. As incessantes e brutais perseguições da reação ou as intrigas dos oportunistas e dos revisionistas raras vezes conseguiram silenciá-la. Contou com a invariável e firme solidariedade dos trabalhadores avançados, dos setores esclarecidos das massas populares. Alguns militantes deram suas vidas para fazê-la circular. Sua sobrevivência tem sido o resultado desse apoio incondicional assim como da vitalidade e da justeza da causa proletária.

O jornal do Partido tornou-se a expressão literária mais autêntica da política, da tenacidade e da perseverança dos comunistas brasileiros. Vem desempenhando e desempenhará um papel cada vez mais saliente no processo revolucionário que está em curso no país e no mundo e que terminará inevitavelmente com a vitória definitiva da democracia, da independência nacional e do socialismo.

Jornal proletário, jornal de Partido

Desde que se criaram no Brasil condições para a propaganda impressa, para a difusão ampla da palavra escrita, as forças progressistas a ela recorreram com o objetivo de pugnar por seus interesses, por suas aspirações. Apesar do obscurantismo reinante, da intermitente repressão e da pobreza de meios, a imprensa patriótica e democrática sempre demonstrou valor. Manifestava os anseios de liberdade e de cultura do povo, denunciava sem medo as injustiças e os poderosos, reclamava direitos para os humildes. Ao entrar em cena o movimento operário,

essa tradição foi reforçada, teve seu conteúdo ampliado. A imprensa proletária não só desfraldou a idéia da rebeldia e da independência de classe como deu profundidade ao sentido do democratismo, das reivindicações politicas e sociais contra os exploradores e opressores. Por um longo periodo, quer os jornais da intelectualidade democrática, quer os de origem operária foram, em geral, efêmeros. Um ou outro sobreviveu maior tempo. Na batalha desigual com as forças reaccionárias, terminavam soçobrando. Não dispunham do respaldo indispensável para prosseguir em circulação, embora muitos desfrutassem de simpatia e popularidade.

Em relação aos jornais de origem popular que a precederam, "A CLASSE OPERÁRIA" apresentou algumas vantagens. Apareceu num estágio bem mais avançado do movimento proletário, depois que este havia dado um salto com a constituição do Partido Comunista. Tinha relevante missão a cumprir: ser o órgão central do Partido, sua principal tribuna politica.

Trazendo nitidamente impresso, desde o início, seu caráter de classe, partidário, e tendo nascido, como o Partido, umbilicalmente vinculada aos meios proletários, a experiência que "A CLASSE OPERÁRIA" iria viver era inédita, sem precedente no país. Até então havia predominado no movimento operário brasileiro o apoliticismo, de cunho anarco-sindicalista. O próprio Partido se ressentiu dessa influência negativa. Também eram bastante difundidas e influentes as ideias economistas e reformistas. No fundo, a respeito da imprensa, prevaleciam as teses social-democratas vigorantes no movimento socialista europeu depois que ele caiu nas mãos dos velhos revisionistas. De acordo com essas teses, os órgãos da imprensa socialista não ficariam subordinados nem à direção nem à disciplina do Partido. Seus eventuais redatores deviam ser livres para orientá-los como melhor lhes parecesse. Isto era a prova acabada da degenerescência dos partidos social-democratas, sua transformação em partidos reformistas, oportunistas, incapazes de preparar e dirigir a revolução destinada a liquidar o capitalismo. A vitória da Revolução de Outubro, na Rússia, e do marxismo-leninismo, vibraram um golpe tremendo a tais concepções. Mas não as destruíram, especialmente entre nós.

O Partido Comunista do Brasil, se bem que ainda engatinhasse na aplicação do marxismo-leninismo à nossa realidade, já começara a perceber que se quisesse realizar sua tarefa histórica não devia transformar-se num apêndice de sua imprensa e sim dirigi-la de modo efetivo. A fim de unir as massas trabalhadoras das cidades e do campo e orientá-las, de evitar sua degeneração em um agrupamento reformista, o Partido precisava controlar sua imprensa. Aprendera que Lênin enfocara nos primórdios de sua atividade o papel do jornal não apenas como agitador e propagandista, mas também como edificador de uma organização centralizada, aguerrida, já que na luta pelo Poder, a arma decisiva do proletariado é esse tipo de organização. Lênin, atacando o estreito espírito de circulo e o "anarquismo senhorial", signo dos intelectuais infensos ao trabalho organizado, ensinara que o proletariado só se tornaria invencivel quando "sua união ideológica por meio dos princípios do marxismo se consolidasse na unidade material da organização". Insistiu em que a imprensa, a literatura e a arte deviam servir ao proletariado, livrando-se do filisteísmo, da falta de espírito de partido. Com

o propósito de opor-se à imprensa burguesa e a tudo quanto fosse individualismo e carreirismo dos intelectuais burgueses, Lênin indicava que os operários conscientes tinham necessidade de arvorar o princípio da literatura de partido, desenvolvê-lo, dar-lhe vida de modo cabal e completo. "A literatura – dizia ele – deve tornar-se parte integrante da luta proletária". E explicava: "É impossível viver na sociedade e dela não depender. A independência do escritor, do artista ou da atriz burgueses não é outra coisa senão a dependência camuflada (ou hipocritamente disfarçada) da bolsa do capitalista".

Os comunistas brasileiros testemunhavam, por outro lado, o quanto era falsa a propalada imparcialidade e objetividade da chamada grande imprensa, da imprensa burguesa, que Lima Barreto, já em 1907, soubera tão vigorosamente desmascarar em seu "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", livro que conserva tanta atualidade, apesar do refinamento pragmático a que recorre hoje em dia essa imprensa, a serviço da reação interna e do imperialismo norte-americano, para mentir, mistificar e embrutecer as massas.

Seguindo a concepção leninista, os comunistas quiseram fazer de "A CLASSE OPERÁRIA" um órgão de divulgação em tudo e por tudo diferente, seja da imprensa "sadia", comercial, privada, seja da imprensa apolítica ou reformista de alguns grupos operários. Pretendiam que fosse um jornal com espírito de partido. Embora a princípio essa posição aparecesse de maneira algo estreita, sectária e a forma da propaganda fosse bastante geral, o jornal sempre se esforçou por corresponder às diretivas partidárias e buscou escrever principalmente sobre os problemas que afligiam os operários e o povo, numa linguagem simples, direta, convincente. À medida que aplicava de modo vivo a linha do Partido, que rompia com o sectarismo e se tornava mais flexível, "A CLASSE OPERÁRIA" passava a alargar sua influência, a granjear prestígio, fazendo-se por diversos títulos digna do apreço de todos os sinceros revolucionários brasileiros.

Luta política e ideológica

O nascimento de "A CLASSE OPERÁRIA" ocorreu numa fase ascendente das ações revolucionárias no país, em que uma nova disposição de forças políticas e sociais se formava para exigir as transformações democráticas que a sociedade brasileira de há muito necessitava. Nas cidades e no campo sucediam greves e manifestações de trabalhadores por suas reivindicações e direitos democráticos. Nos quartéis estouravam levantes, em especial de jovens oficiais que refletiam a radicalização das camadas pequeno-burguesas e burguesas, levantes de condenação às fraudes nos pleitos eleitorais, ao predomínio vergonhoso das velhas oligarquias serviçais dos latifundiários do café e dos banqueiros ingleses, e por medidas econômicas e culturais progressistas. Em face dessa situação, os comunistas, ainda pouco numerosos, viam-se cada vez mais compelidos a participar da vida política, a sair do isolamento em que se encontravam. Em princípios de 1925, o Partido preparava-se para debater, em seu II Congresso, problemas econômicos e organizativos da classe operária e do campesinato e questões de natureza política. Apresentava-se como primordial e urgente a ne-

cessidade de efetuar uma viragem em direção às massas, lançar uma sólida ponte para elas e fazer com que os comunistas se dedicassem à ação política. Impunha-se que fixassem sua atenção nos acontecimentos em curso que afetavam outras classes e camadas oprimidas, que aparecessem como verdadeiros lutadores pela democracia e empregassem uma tática que elevasse a consciência das massas. Em suma, o Partido precisava fortalecer-se através do caminho provado da ligação com as massas. O veículo capaz de realizar essa tarefa seria um jornal, um semanário legal, já que os comunistas não possuiam recursos para editar um diário.

Assim é que, às vésperas do II Congresso do Partido, em 1925, surgiu "A CLASSE OPERÁRIA", porta-voz dos marxistas-leninistas, destinado a incentivar o trabalho junto às massas, esclarecê-las e uni-las na defesa de seus interesses, a ajudá-las na luta contra as forças reacionárias, a prepará-las para a revolução nacional e social. Simultaneamente, deveria contribuir para coesionar o pensamento e a ação dos comunistas, visando a fazê-los combatentes intrépidos, marxistas-leninistas fiéis, internacionalistas de verdade, incutindo em todos o espírito de partido, o amor sem limites ao Partido.

Nas diversas fases que assinalam a relativamente longa existência de "A CLASSE OPERÁRIA", os comunistas ressaltam com justificado sentimento de orgulho revolucionário que o órgão central cumpriu com honra seu dever. Sustentou corajosamente os interesses imediatos do proletariado e das massas populares, da mesma forma que jamais perdeu de vista seus interesses gerais e futuros. Concitou-os a participar da luta pelas liberdades, por uma reforma agrária radical, pela expulsão do imperialismo, descortinando-lhes a perspectiva do socialismo, e insistindo nas ideias do internacionalismo proletário. Sempre obediente à orientação do Comitê Central do Partido, "A CLASSE OPERÁRIA" pode dizer que desde seu primeiro número até o mômento atual, vem sendo uma consequente intérprete dos interesses dos oprimidos, uma valorosa combatente da causa da libertação nacional e social do povo brasileiro. Através de suas páginas, os comunistas têm contribuído para forjar uma forte consciência democrática e antiimperialista, e também socialista, desenvolver nos militantes revolucionários proletários a convicção da necessidade de construir um poderoso e combativo Partido, marxista-leninista, sem o qual será impossível conseguir o triunfo sobre a burguesia e o imperialismo.

Quando o Partido Comunista do Brasil fez o balanço resumido das experiências de sua atividade no documento "Cinquenta Anos de Luta", mostrou que, ao travar diferentes batalhas ao longo desse periodo, havia obtido significativas vitórias mas cometera igualmente inúmeros erros. O sentido principal de seus esforços, no entanto, consistira em assimilar a teoria marxista-leninista e aplicá-la de maneira criadora às condições concretas brasileiras, isto é, tratara de elaborar e levar à prática uma linha política que correspondesse à realidade, aos interesses da revolução no país. A avaliação desse processo incluíu logicamente a crítica ao seu periódico central, crítica cuja finalidade era a de corrigir os vaivéns e retrocessos que se refletiram na orientação do jornal.

Efetivamente, erros existiram. E não podia ser de outra forma, já que não so-

mos idealistas, com pretensões de fazer tudo à perfeição. Resultaram em sua maior parte de debilidades e limitações, ou de dificuldades na luta para melhor servir ao povo, para transformar o marxismo-leninismo num guia de ação, na arma invencível da libertação dos explorados e oprimidos pelo capitalismo e pelo imperialismo. Entretanto, o acervo de experiências é bem mais positivo que negativo, registra sucessos excelentes.

As páginas de "A CLASSE OPERÁRIA" sempre transbordaram de ódio à exploração e às injustiças, infundiram esperanças em um mundo melhor. Propugnaram com vigor as reivindicações dos trabalhadores, denunciaram de modo candente a falta de direitos para o povo. Nelas os comunistas patrocinaram campanhas memoráveis em favor da jornada de 8 horas, da lei de férias remuneradas, da indenização em decorrência de dispensa do trabalho, do direito de greve, da regulamentação do trabalho de menores e mulheres, do salário igual para trabalho igual, contra a carestia de vida e muitas outras. Em relação ao movimento sindical, pleitearam o direito de livre sindicalização, com a consequente formação de federações sindicais regionais e da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), a qual chegou a ser criada antes de 1930, mas logo a seguir fechada, o mesmo ocorrendo em 1946. A palavra-de-ordem "Todos os trabalhadores dentro de seus Sindicatos" foi difundida amplamente em suas colunas. As manifestações de 1º de Maio realizadas de 1926 a 1935, assim como as do período de 1945-1953, encontraram apoio entusiástico do jornal.

Através de "A CLASSE OPERÁRIA" ganhou notável incentivo a idéia da formação da frente-única dos trabalhadores e das forças populares. Desde o lançamento do Bloco Operário e Camponês, constituído em 1926 com a finalidade de aglutinar as forças fundamentais do povo, passando pela Aliança Nacional Libertadora, em 1935, para resistir ao fascismo, até a ampla frente patriótica que é hoje preconizada pelo Partido objetivando à derrubada da ditadura militar-fascista, a questão da frente-única tem sido um dos *leit motiv* do jornal. Na mesma medida, e com maior energia, vem ele infundindo a idéia da luta revolucionária contra o monopólio da terra e demais restos feudais, por uma reforma agrária radical, contra a espoliação imperialista, sobretudo a norte-americana, pela completa independência nacional, pela conquista de amplas franquias democráticas e por um novo regime político e social que assegure a soberania do país, bem-estar e cultura para o povo.

Como não podia deixar de ser, a insurreição de novembro de 1935 recebeu a solidariedade dos comunistas em textos vibrantes do órgão central do Partido. E quando, em 1962, "A CLASSE OPERÁRIA" retomou suas melhores tradições, transformou-se num posto avançado do combate pelas soluções revolucionárias para os problemas brasileiros. Condenou a via pacífica defendida pelos revisionistas e vem fundamentando a necessidade do caminho da luta armada, da guerra popular, como o único capaz de livrar o Brasil da ditadura militar e da dominação imperialista norte-americana. Ao surgir a resistência guerrilheira no Araguaia, em abril de 1972, saudou-a com entusiasmo e publicou um grande número de artigos e materiais relacionados com esse acontecimento, que abre novos horizontes ao movimento revolucionário e democrático.

A idéia do socialismo, a propaganda da edificação do novo regime na União Soviética, no período de Stálin, a inelutabilidade de sua vitória, sempre estiveram presentes em artigos, reportagens e trabalhos publicados em "A CLASSE OPERÁRIA". Quanto mais as forças do capitalismo, do fascismo e dos renegados revisionistas tentam desmoralizar a causa socialista e fazer com que o proletariado abandone a luta contra a escravidão assalariada mais os comunistas se empenham em demonstrar que a sorte do regime de exploração do homem pelo homem está definitivamente selada. De acordo com as previsões de Marx, Engels, Lênin e Stálin, nada poderá evitar o desaparecimento do capitalismo e o surgimento da nova sociedade.

Outro tanto deve ser dito com referência à defesa do internacionalismo proletário. O lema "Proletários de todos os países, uni-vos!" é a epígrafe consagrada do jornal desde sua fundação. Milhares de trabalhadores têm sido educados no sentimento de solidariedade aos seus irmãos dos países capitalistas, aos povos que constróem o socialismo e aos que são oprimidos pelo imperialismo e lutam por sua libertação nacional. Quando a União Soviética, sob a direcção de Stálin, era o baluarte da revolução mundial, os comunistas brasileiros afirmavam que a pedra de toque do internacionalismo proletário residia na defesa do primeiro Estado Socialista. Hoje, que os revisionistas soviéticos transformaram o glorioso país de Lênin e Stálin numa potência social-imperialista, o dever dos comunistas exige, ao contrário, a luta unida contra sua política agressiva e hegemônica. Coerente com essa posição internacionalista, "A CLASSE OPERÁRIA" publicou, em 1962, a resolução do Comitê Central do Partido defendendo a China Popular contra a agressão da Índia de Nehru. Esclareceu, além disso, os reais motivos que levaram os expansionistas hindus a cometer aquele crime, do qual saíram derrotados e bastante desmascarados. A mesma conduta se manifestou por ocasião da Grande Revolução Cultural Proletária. Também nas páginas de "A CLASSE OPERÁRIA" sobressai a profunda amizade que une os marxistas-leninistas do Brasil aos seus camaradas da Albânia, amizade que se estreita dia a dia para benefício da causa comum.

Enfim, "A CLASSE OPERÁRIA" tem sido um firme baluarte da luta contra o liquidacionismo e em defesa do Partido. Promove intensa campanha de desmascaramento dos revisionistas contemporâneos, traidores do movimento operário. Se em outros tempos, combateu com veemência o oportunismo, ajudando a descobrir as posições vacilantes e reformistas do ex-secretário geral do Partido, Astrogildo Pereira, e denunciando o prestismo como tendência caudilhesca, pequeno-burguesa, nos últimos anos vem contribuindo poderosamente para mostrar a fisionomia de Prestes como renegado da revolução, positivista travestido de marxista-leninista. Sob esta capa, Prestes tentou liquidar a tradicional organização dos comunistas e impingir como sucedâneo um agrupamento nacionalista-burguês, reformista, que denominou de Partido Comunista Brasileiro. Mas malogrou em seu infame propósito.

Graças em boa parte ao trabalho de "A CLASSE OPERÁRIA", o Partido, após o golpe de 1964, fez uma retirada em relativa ordem. Apesar de ter sido fechada e sua sede ocupada pelos militares, o órgão central dos comunistas torna-se mais necessário nessa nova fase de vicissitudes que vive o país. Os artigos que pu-

blica refletem o amadurecimento do Partido, o avanço da revolução. Sente-se, ao lê-los e estudá-los, que o Partido procura seriamente colocar-se à altura de suas grandiosas tarefas. Debate temas políticos que estão na ordem-do-dia e oferecem condições de mobilizar as massas; examina as plataformas e os meios para ampliar a frente de resistência patriótica e popular; busca a melhor concepção e os métodos mais apropriados à preparação e desencadeamento da luta armada; concentra o fogo de seu ataque no revisionismo contemporâneo, que é o maior perigo para o movimento comunista e revolucionário, sem abandonar o combate às demais idéias hostis e estranhas ao proletariado, de fundo pequeno-burguês e burguês.

Na luta política e ideológica, "A CLASSE OPERÁRIA" revelou, nos cinquenta anos transcorridos desde sua fundação, que o proletariado é a única classe capaz de, em aliança com os camponeses, constituir a força social indispensável à realização das transformações revolucionárias reclamadas pela sociedade brasileira.

Apoio essencial e comovente

Por mais que as classes dominantes e os corifeus do liberalismo proclamem os direitos do homem e do cidadão e apresentem a liberdade de imprensa como a mais preciosa das liberdades, a prática é outra. Para os trabalhadores e oprimidos, sobretudo. Os jornais populares e operários são prova disso. A luta para usufruir o direito de expressar e difundir idéias livremente, através da imprensa, tem sido duríssima. Hoje, sob a ditadura militar, até os jornais reacionários sofrem severa censura, salvo quando fazem acordo com os generais fascistas ou se colocam a serviço de sua política. Não é de admirar, pois, que "A CLASSE OPERÁRIA", em meio século de existência, só por brevíssimos períodos tenha saído legalmente. A maior parte desse tempo, foi editada e circulou clandestinamente, sujeita a feroz perseguição. Teve de superar mil e um obstáculos que lhe impunham os inimigos para calar sua voz. Não há no país exemplo de jornal tão perseguido.

Não obstante, apenas temporariamente deixou de ser publicada. No presente, prossegue de modo impávido ocupando seu posto de combate. Isto de forma alguma acontece por casualidade, mas sim porque ela corresponde aos interesses do proletariado e de seu partido, porque recebe o apoio ativo de milhares de comunistas e de lutadores sempartido, que vêem no jornal seu intérprete consciente, destemeroso, pertinaz.

Agitando as reivindicações proletárias e populares, propagando a idéia da revolução e do socialismo, sincera e apaixonadamente, 'A CLASSE OPERÁRIA', apesar da pobreza material, sempre apareceu eloquente como a verdade que defendia, despertava entusiasmo, suscitava a simpatia da gente simples que mostrava carinho com o jornal, passava a reclamá-lo, a apoiá-lo, a protegê-lo. Seus redatores, gráficos, correspondentes e distribuidores contribuíram para estender sua influência. Formaram em torno dele um coletivo disposto a todos os sacrifí-

cios para que continuasse levando a verdade ao povo, para assegurar a difusão da palavra do Partido.

A cada invasão das suas oficinas, a cada depredação das suas redações, ou depois da prisão, tortura ou assassinato de alguns de seus destemidos trabalhadores ou colaboradores, sucedia o aumento das manifestações de solidariedade ao jornal, ampliava-se a aura popular que o cercava, crescia a determinação de republicá-lo e difundi-lo em maior escala.

Essas manifestações comoventes expressavam-se na angariação de recursos materiais, através de todo tipo de contribuições. O jornal periodicamente publicava a relação das contribuições, prestando contas a seus leitores e amigos das fontes que invariavelmente o sustentaram. Assim se criou e desenvolveu a legenda de heroísmo e devotamento que fazia "A CLASSE OPERÁRIA" ressurgir em resposta aos golpes desferidos pela reação. Os redatores e gráficos, bem como o inesquecível "Classop", foram homens corajosos que dedicaram suas vidas desinteressadamente à revolução. Obra do Partido, apoiado por um tão formidável ativo de colaboradores, "A CLASSE OPERÁRIA" espelhava as virtudes e potencialidades do proletariado brasileiro, a força e a grandeza de sua causa.

Por isso, a reação persegue encarniçadamente o jornal, todos os que nele trabalham. A saída de cada número representa uma dura batalha. Até sua leitura é considerada crime pelos governantes. Sob a ditadura militar, a posse de um simples exemplar do órgão central do Partido dá motivo para prisões e torturas.

"A CLASSE OPERÁRIA", no entanto, sempre encontrou meios e formas de levar a orientação do Partido a seus militantes e aos setores avançados do proletariado e do povo. As forças reacionárias e fascistas jamais conseguiram silenciá-la em definitivo. Também os revisionistas tentaram fazê-lo, por manobras escusas, mas falharam. É que, em sua renegação dos objetivos revolucionários, os revisionistas, chefiados por Prestes, pretenderam logo depois de 1957, acabar com a tradição combativa da imprensa do Partido. Sentiam particular repugnância por tudo quanto cheirasse a proletário, dizendo que a palavra traduzia sectarismo. Chegaram então a abandonar o nome de "Voz Operária" que, em certo período, substituira "A CLASSE OPERÁRIA". A esta, davam-na como inexistente para todo o sempre. De modo que, quando a viram voltar à circulação, em 1962, ficaram furiosos, trataram de ignorá-la. Haja vista que o pseudo-historiador e velho oportunista, general Nelson Werneck Sodré, num volumoso e superficial livro de compilação sobre a história da imprensa brasileira, editado em 1964, não diz uma palavra sobre o reaparecimento do antigo periódico central dos comunistas.

Entre parêntesis, é preciso dizer que a vida pregou uma peça aos revisionistas e a Prestes. Após 1964, eles recorreram à feitura de jornais com nomes operários, procurando salvar-se da desmoralização em que caíram e ver se ainda conseguiam impingir sua mercadoria envenenada aos trabalhadores e prestar serviços à burguesia.

Enquanto isso, para os revolucionários, para os comunistas, "A CLASSE OPERÁRIA" era tão necessária como o ar, significava a presença do próprio Partido,

a materialização de sua existência. Em vários momentos da vida nacional tornou-se o elo visível, concreto, principal, de ligação entre os comunistas. Assim sucedeu no período do famigerado Estado Novo fascista. Assim sucede agora nos terríveis anos da ditadura militar. Recebê-la, ler e estudar seus artigos, difundi-la, é uma das mais importantes formas de atividade dos comunistas que, nela inspirados, articulam suas forças, reconstróem a organização, ligam-se às massas, preparam a revolução.

É impossível aqui narrar os enormes sacrifícios e relacionar os nomes de todos os que se empenharam para que "A CLASSE OPERÁRIA" continuasse circulando e cumprindo o dever de esclarecer e educar o proletariado e as forças populares em sua luta emancipadora. Destacamos o mais antigo dentre eles, o do camarada José Duarte, que se tornou incansável batalhador em prol da imprensa revolucionária proletária. Ressaltamos igualmente o nome do camarada Maurício Grabois que, desde seu ingresso no Partido, em 1932 esteve ligado ao jornal, quer na condição de "Classop", quer na de colaborador assíduo ou de dirigente que esteve por mais tempo à frente do órgão central do Partido. Ele tem sido um dos mais decididos defensores da linha proletária da imprensa comunista, um dos melhores jornalistas da causa da revolução.

Devemos honrar sobretudo os que não pouparam nenhum sacrifício e imolaram suas preciosas vidas para que o jornal do Partido difundisse as idéias da liberdade e do socialismo. Relembramos com emoção nomes como o do camarada Amaro Francisco de Oliveira, "Classop" assassinado em 1935 pela polícia de Pernambuco, sob a direção de Etelvino Lins. Ou o do camarada Carlos Danielli, que respondia pela redação de A CLASSE quando foi massacrado pelos militares fascistas, em fins de 1972, num dos quartéis de São Paulo. O empenho do camarada Danielli para que o jornal saísse com regularidade e ajudasse as organizações partidárias em sua atividade política é digna de exemplo. Não cabe agora mencionar e exaltar outras figuras queridas. A extensa legião está para sempre ligada à imprensa do Partido. Jamais será esquecida.

* * * * *

Ao completar cinquenta anos, "A CLASSE OPERÁRIA" percorreu brilhante trajetória, cumpriu destacada função. Projetou-se como o porta-voz da vanguarda marxista-leninista brasileira, tenaz defensora dos interesses populares, ardente propugnadora das correntes patrióticas e progressistas, irreconciliável inimiga da ditadura militar e do fascismo, do latifúndio e do imperialismo, destemerosa propagandista da revolução agrária e antiimperialista, etapa necessária para passar ao socialismo.

No processo revolucionário que se desenrola ante nossos olhos, no Brasil e no mundo, "A CLASSE OPERÁRIA" terá de desincumbir-se de missões da mais alta importância. Deverá desempenhar um grande papel tanto agora como em futuro mediato.

O mundo capitalista agoniza. Suas crises manifestam-se cada dia mais violentas, seus males são incuráveis. Nem o terror fascista a que recorre com maior

Vitória de alcance mundial

Mensagem do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil enviada à Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul.

À Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul

Prezados amigos

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, marxista-leninista, saúda com alegria e entusiasticamente as forças revolucionárias do Vietnã pela magnífica vitória alcançada na luta de libertação nacional, que livrou o país da ocupação norte-americana e varreu a ditadura fascista de Van Thieu.

Esta vitória, de alcance mundial, foi o resultado do combate persistente, heróico e abnegado das massas populares vietnamitas contra seus piores e mortais inimigos. Inspirada por Ho-chi-min, grande patriota e ardente revolucionário, a gloriosa luta de salvação nacional transformou-se num exemplo convincente de que quando um povo se une e decide bater-se por uma causa justa torna-se invencível. Por mais poderosos, bárbaros e sanguinários que sejam seus adversários, estes acabarão derrotados. A força bruta e as manobras sorrateiras dos imperialistas e seus lacaios para quebrar o ânimo combativo dos patriotas do sul do Vietnã esboroaram-se ante a firmeza e a lucidez sempre presentes nas fileiras imbatíveis da Frente de Libertação. Embora tenham sido imensos os sacrifícios, enormes as perdas de vidas preciosas, uma e outras foram compensadas pela conquista da liberdade, da paz, da possibilidade real de unificação do país, do direito de construir uma sociedade livre da opressão e da exploração.

O Partido Comunista do Brasil nunca duvidou que o bravo povo irmão conquistaria seus gloriosos objetivos. Numa resolução do Comitê Central, de junho de 1965, intitulada "Toda Solidariedade ao Povo do Vietnã", na qual chamava os brasileiros a se oporem à ajuda que a ditadura militar oferecia em alimentos e remédios ao governo títere do Vietnã do Sul, afirmava-se: "Quaisquer que sejam os planos guerreiros dos imperialistas norte-americanos, eles serão derrotados no Vietnã, na Ásia e em todo o mundo". Sempre consideramos como nossa a luta do povo vietnamita, dirigida fundamentalmente contra o inimigo comum — o odiado imperialismo dos Estados Unidos.

Os êxitos de significação histórica alcançados no Vietnã abrem radiosas perspectivas aos povos que enfrentam a dominação imperialista e as forças retrógradas. São fontes de inspiração e de estímulo. Os últimos tiros disparados em Saigon pelas tropas da Frente de Libertação, diante do palácio do Governo, ecoaram como salvas à revolução que se desenvolve em todos os Continentes. Repercutiram como o rumor que indica a chegada das tempestades renovadoras. A cada dia, maior é o anseio de emancipação, mais premente se faz a necessidade

tas transformações radicais o caminho para consegui-las só pode ser o da união e das ações enérgicas, o da luta armada. O imperialismo e a reação debatem-se numa crise profunda, não estão em condições de deter por muito tempo o impulso revolucionário dos povos. Se estes lutarem com a mesma decisão dos vietnamitas, a vitória sem dúvida será obtida.

O povo brasileiro vive sob uma ditadura militar-fascista, tramada e sustentada pelos imperialistas ianques. Seus mais elementares direitos foram anulados. Patriotas são presos, torturados e assassinados. Mas a bandeira da luta pela liberdade e independência nacional jamais foi arriada. Opondo-se aos pregoeiros do falso caminho pacífico, o Partido Comunista do Brasil, marxista-leninista, indica a senda da ação armada, da guerra popular, como o único meio para alcançar a libertação. E já surgem no país as primeiras tentativas de resistência. Na região do Araguaia há três anos ergue-se um movimento guerrilheiro contra o banditismo da ditadura, pela liberdade e em defesa dos direitos do povo. A vitória no Vietnã há de fortalecer o ardor dos combatentes dessa região e impulsionar mais ainda a atividade democrática e progressista no Brasil.

Fazemos sinceros votos para que o povo vietnamita consiga novos e destacados êxitos na etapa da reconstrução pacífica que ora se inicia. Que o Vietnã avance aceleradamente pela larga estrada do progresso, da justiça social, da democracia e do socialismo!

Maio de 1975

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Data proletária

Desde 1891, por decisão da Associação Internacional dos Trabalhadores, o proletariado do mundo inteiro comemora o 1º de Maio como sua data magna. Nesse dia, o movimento operário homenageia os mártires tombados na luta contra o capitalismo, proclama suas reivindicações e seus lemas de combate, passa em revista suas forças em cada país e faz o balanço dos triunfos e derrotas na grandiosa batalha que vem travando pelo socialismo e por sua unidade revolucionária.

O 1º de maio de 1975 adquire especial significação. Os operários e os povos oprimidos de todo o mundo saúdam as magníficas e estrondosas vitórias dos povos vietnamita e cambojano em sua justa guerra libertadora contra o imperialismo norte-americano e seus lacaios. Os trabalhadores do Vietnã do Sul e do Camboja puderam, afinal, festejar livremente essa data, levantando suas bandeiras tintas de sangue mas triunfantes, e clamando "Abaixo os imperialistas ianques e seus cães de fila!" "Lutemos unidos pela independência dos povos oprimidos!" "Construiremos em nossas pátrias uma sociedade sem exploradores!"

Com igual entusiasmo, desfraldaram seus estandartes vermelhos, entoaram canções pelos grandiosos êxitos na edificação do socialismo e demonstraram sua disposição de apoiar a luta dos povos revolucionários as massas trabalhadoras da China Popular, da Albânia Socialista, da República Democrática do Vietnã e da República Popular da Coréia.

Nos países capitalistas, em face da crise econômica que voltou a agravar a epidemia do desemprego e da fome, assim como da crescente ameaça do fascismo e da guerra, o proletariado ergueu-se em potentes demonstrações para defender seu direito ao trabalho e a uma vida melhor, combater os monopólios capitalistas, denunciar a corrida armamentista e o perigo de uma nova hecatombe. Nos Estados Unidos, o país imperialista mais poderoso, o desemprego já atingiu a casa dos 9 milhões de trabalhadores. Tal situação coloca com mais vigor, para as forças revolucionárias encabeçadas pela classe operária, a necessidade da derrubada do sistema capitalista e da abolição da exploração do homem pelo homem.

No Brasil, sob a vigência da ditadura militar fascista, o 1º de maio não pode ser celebrado de forma aberta e independente pelos trabalhadores. Estes tiveram que realizar pequenas reuniões comemorativas na mais absoluta clandestinidade. Com os sindicatos sob controle da polícia, depois de ter a maior parte de suas conquistas anuladas pelo golpe de 1964, sem direito de greve e de opinar, o proletariado brasileiro viu piorar suas condições de vida e, ao mesmo tempo, sentiu a necessidade de impulsionar suas lutas. Na prática, a lei de 8 horas de trabalho deixou de vigorar. Por causa da exploração patronal, dos salários baixíssimos e da falta de unidade e organização, entronizou-se o regime das horas extras. A grande maioria dos operários têm de fazer 10, 12 e 14 horas por dia a fim de con-

seguir um pouco mais de pão para sustentar a família. Enquanto os lucros das grandes empresas nacionais e estrangeiras são verdadeiramente escandalosos, os salários não conseguem acompanhar a subida dos preços dos artigos da alimentação, dos aluguéis, dos medicamentos, do transporte, de tudo o que é indispensável à vida do trabalhador. A mais simples assembleia sindical é vigiada pelos tiras e informantes do Exército. Causa indignação ver a prepotência e a arrogancia dos militares no tratamento com os trabalhadores e o povo. Mentem, roubam o dinheiro público, espancam, torturam, matam e, ainda por cima, tentam passar por patriotas e amigos dos que trabalham. Em seus discursos, falam de harmonia entre o patrão e o empregado, pedem a colaboração das classes, dizem que o Brasil vive num mar de tranquilidade. Neste 1º de maio, na festa que mandou promover em Joinvile (Santa Catarina), o general Geisel teve o descaramento de se apresentar como "trabalhador".

Que harmonia e colaboração pode existir entre explorados e exploradores? O interesse dos patrões é arrancar o máximo de mais-valia, de lucro, dos operários, pagando-lhes o menos possível. De seu lado, estes precisam vender sua força-de-trabalho por um preço que lhes garanta, pelo menos, a sobrevivência. Como conciliar capital e trabalho? Nunca será encontrada a fórmula. A riqueza do capitalista provém da exploração do assalariado. Assim, é inevitável que no curso da luta de classes, o proletariado vá ganhando consciência de que a burguesia não pode continuar dominando a sociedade porque é incapaz de assegurar aos que trabalham as mais elementares condições de existência. Na realidade, o sistema capitalista caducou de há muito. Seu coveiro será o proletariado.

A ditadura gaba-se de que haveria atualmente tranquilidade social. Mas que tranquilidade pode haver num país onde [illegible] trabalhadores ganham salários de fome e a carestia de vida anda pela hora da morte? Num país onde milhões de camponeses vivem na miséria e no abandono, não têm terra, ao passo que grileiros, latifundiários e grandes empresários da agro-pecuária abocanham quase toda a terra, com a proteção dos militares? Num país onde milhões de crianças morrem sem assistência ou se acham ao deus-dará? Onde não se tem o direito de pensar, de falar, de se organizar?

Não por acaso os militares só vêm colhendo fracassos. De nada adiantaram, nem adiantarão, a demagogia e o terror fascista que empregam para intimidar os trabalhadores e o povo. O certo é que o movimento operário não se deixou envolver nem apoia, num mínimo sequer, a ditadura. Está contido e não esmagado. Por isso, os generais aumentam as promessas de que um dia o bolo amassado com o suor e o sangue dos que trabalham será melhor repartido. Temem qualquer assembleia [illegible] Nem mesmo uma eleição de diretoria de sindicato pode ser efetuada sem que a polícia aprove, de antemão, a lista dos candidatos. Mas a [illegible] A última grande prova ocorreu nas chamadas eleições parlamentares de 15 de novembro, quando as massas trabalhadoras e populares repudiaram vigorosamente o regime militar. Ficou patente que a propalada tranquilidade é uma balela, está mantida pelas baionetas.

Neste 1º de maio, mesmo na clandestinidade, surgiram autênticas vozes do

proletariado para reclamar um salário-mínimo idêntico para o conjunto do país, na base de Cr$ 1.200,00, a liquidação do arrocho salarial, um substancial aumento para as diversas categorias profissionais, a contenção da alta do custo de vida, a liberdade sindical, o fim das leis de exceção. Em todos os quadrantes do país tem havido demonstrações de resistência, que vão desde memoriais por uma reivindicação até operações tartaruga e greves parciais contra a exploração patronal, desde pequenos protestos contra esbulhos e injustiças até a luta guerrilheira que crepita no Araguaia, convocando à luta pela liberdade e pela independência da nação.

Germinam nos corações e nas mentes dos trabalhadores as sementes da revolta. Da mesma forma que avulta em número, a classe operária há de crescer em organização e consciência. Com seu punho poderoso e sua luta, levantar-se-á infalivelmente, reunirá em torno de si as massas populares e as dirigirá para acabar com a tirania dos generais e o domínio do imperialismo norte-americano. A perspectiva da classe operária não pode ser outra que a liquidação de todos os exploradores e opressores, a marcha para o socialismo.

Trinta anos após a capitulação nazista

A 9 de maio comemorou-se o 30º aniversário da vitória sobre o nazi fascismo. Os verdadeiros antifascistas, nessa data, manifestaram uma vez mais sua decisão de prosseguir lutando contra a víbora peçonhenta que tantos e tão cruéis males acarretaram à Humanidade. Reacionários e neofascistas também organizaram atos e desfiles, tentando passar por democratas e até por revolucionários.

A derrota do regime hitleriano constituiu grande acontecimento [illegible] que do capital financeiro, o fascismo surgiu na arena política para esmagar a [illegible] voração e fazer retroceder a marcha da História. Dirigia-se fundamentalmente contra os comunistas e a União Soviética, vanguarda das forças progressistas. Inimigo ferrenho das liberdades, da democracia e da cultura, voltava-se igualmente contra os liberais, os democratas e os intelectuais honestos, contra todos os que prezam a dignidade humana.

Nenhum outro regime até então havia apelado para recursos tão bestiais. O nazismo utilizou maciçamente a tortura em adversários políticos, criou campos de concentração de onde poucos saíram com vida, organizou a matança de [illegible] homens, mulheres e crianças em fornos crematórios, ergueu milhares de forcas na Europa. E montou poderosa máquina militar empregando, inclusive, o trabalho escravo. Depois de haver subjugado dezenas de países, atacou a União Soviética. As tropas de Hitler chegaram às portas de Moscou e aos contrafortes do Cáucaso. Já se consideravam vencedoras.

Mas o nazi fascismo foi esmagado a ferro e fogo. A roda da História passou sobre seus destroços e continuou avançando. As forças revolucionárias e progressistas mostraram-se muito mais potentes. Embora sofressem estragos consideráveis e tivessem suportado agruras sem conta, aniquilaram esse feroz e bárbaro inimigo da Humanidade. Com ele, caía também a linha mais avançada e fortificada do capitalismo mundial, sua brigada de choque contra-revolucionária.

Junto com as correntes progressistas, alinharam-se contra o nazismo forças monopolistas e reacionárias, como os Estados Unidos e a Inglaterra, empurradas por contradições de caráter inter-imperialista, uma vez que a Alemanha pretendia a hegemonia mundial. Mas seus intentos nunca foram os de aniquilar completa e definitivamente o fascismo. Durante a luta, sabotaram e procrastinaram medidas eficazes que poderiam ter apressado o seu fim. Aguardavam que Hitler causasse os maiores danos à União Soviética e às correntes revolucionárias, danos que que se tornassem irreparáveis e lhes permitissem, depois, o domínio fácil do mundo.

Três décadas se passaram desde a capitulação dos exércitos de Hitler. Muitas coisas mudaram sobre a face da Terra nesse período. Uma das principais mudanças ocorreu na Rússia. Com a morte de Stálin e a ascensão dos revisionistas à direção do Estado e do Partido Comunista, a União Soviética transformou-se de país socialista em social-imperialista, de baluarte revolucionário em reduto reacionário, de força antifascista consequente em corrente social fascista. Também surgiram certas modificações nos Estados Unidos. Os imperialistas norte-americanos abandonaram as veleidades democráticas e tornaram-se dignos continuadores da selvageria hitleriana. Em todo o mundo a reação desmascarou-se ainda mais. Todavia, a revolução obteve gigantescos êxitos. Triunfou na China, na Albânia e em diversos outros países. E cresce continuamente nos cinco Continentes.

As comemorações dos trinta anos da derrota alemã refletem estas transformações. Em muitos lugares, já não foram as forças antifascistas ou aliadas na luta contra o fascismo que vieram à praça pública rejubilar-se pela vitória. Vários atos foram promovidos exatamente pelos fascistas de hoje, camuflados de antifascistas, que cerceiam ou impedem as verdadeiras manifestações de repulsa ao fascismo. Assim aconteceu na União Soviética. O exército que desfilou em Moscou nada mais tem a ver com o exército vermelho do proletariado que se cobrira de glória nos campos de batalha, sob a direção de Stálin. Atualmente, as forças armadas soviéticas estão a serviço do social imperialismo russo e assemelham-se às hordas de Hitler: ocupam a Checoslováquia e países do leste europeu, ameaçam a Rumânia, fazem provocações nas fronteiras da China, mantêm bases em todos os Continentes e preparam-se ativamente para subjugar outros povos. Na pátria de Lênin, os verdadeiros antifascistas, os autênticos bolcheviques passaram à ilegalidade ou vivem perseguidos. A liberdade de ser revolucionário, de lutar pelo socialismo proletário, de apoiar a revolução no plano mundial não existe mais. Impera em toda a linha o social-fascismo.

Os Estados Unidos nem sequer realizaram comemorações oficiais. Não tinham razões para fazê-las. Suas tropas na Indochina, aplicaram os mesmos métodos

de Hitler e, em toda parte, os monopolistas ianques realizam uma política expansionista e agressiva. Eles repetem os crimes da Alemanha nazista. Se o hitlerismo investia contra os judeus, os imperialistas estadunidenses atacam os negros americanos e submetem os porto-riquenhos a inomináveis violências. Se o Führer alimentava ilusões em dominar o mundo pela força das armas, os homens da Casa Branca não escondem propósitos semelhantes, agora lançando mão da ameaça do extermínio nuclear. Se o ditador alemão, apoiado na Gestapo, fomentava a derrubada de governos democráticos, os dirigentes de Washington, apoiados na CIA, procedem da mesma forma.

E no Brasil? Os promotores dos diversos atos realizados com a presença do amo norte-americano Mark Clark, são fascistas empedernidos, generais da laia dos Góis Monteiro, Eurico Dutra, Canrobert, Álcio Souto e outros, aliados de Hitler, que tudo fizeram para sabotar a participação do país na coligação mundial antifascista. Naquela época, o Exército apoiava e sustentava a ditadura estado-novista, defendia a entrada do Brasil na guerra ao lado da Alemanha e perseguia patriotas e democratas. A Força Expedicionária Brasileira, que combateu na Itália, foi organizada contra a vontade dos generais integralistas e retrógrados. Sua composição proveio substancialmente do voluntariado aberto com a finalidade expressa de combater na Europa. Até entre boa parte da oficialidade da FEB prevaleceu o princípio do alistamento voluntário. O pracinha era, na prática, o oposto da orientação do governo e das Forças Armadas, representava o sentimento da maioria da nação, democrática e antifascista, mobilizado em vibrantes demonstrações de rua. Muitos dos pracinhas estão, hoje, encarcerados, outros sofreram torturas. Alguns perderam a vida nas masmorras da repressão. Os militares que compareceram às solenidades do dia 9 de maio há onze anos oprimem o povo brasileiro recorrendo a processos idênticos aos de Hitler e seus sequazes.

Verdadeiras manifestações antifascistas tiveram lugar, isto sim, nos países socialistas, como a China e a Albânia, nas nações democráticas, e no Vietnã e Camboja que, uma vez mais, destroçaram as linhas avançadas do imperialismo e da reação mundial. Em numerosos países, os povos comemoraram a data lutando heroica e quotidianamente contra os regimes ditatoriais e fascistas que se estendem em escala bem maior do que em épocas passadas.

O fascismo volta a ser uma grave ameaça. Surge das mesmas causas, muito mais agravadas, porém, que as que o engendraram nas décadas de 20 e 30. É um produto do capitalismo em decomposição. Nem sempre aparece com iguais características da Itália e da Alemanha. Apresenta nuances diversas. Em certos lugares, acoberta-se com bandeiras pretendidamente socialistas. Noutros, expressa-se em ditaduras militares que se estão multiplicando pelo mundo afora. Há países onde, aparentemente, regem sistemas democráticos, mas em que vigoram métodos típicos de repressão fascista. A tortura e o assassinato de revolucionários e democratas consequentes vão assumindo proporções maiores. Os Estados Unidos e a União Soviética são presentemente os inspiradores desse regime feroz e sanguinário. Buscam outra vez levantar uma barreira de ódio e de sangue tendo em vista adiar a morte do capitalismo e conter o avanço da Humanidade para o socialismo.

Mas essa barreira não poderá salvar o capital financeiro dos Estados Unidos e de outros países ou o neocapitalismo da Rússia. Sua derrocada é inevitável. Os povos odeiam cada dia com mais força o fascismo e aspiram a viver com liberdade e independência. Mas a liberdade e a independência não serão conquistadas senão na luta revolucionária, sob a direção do proletariado e dos partidos marxistas-leninistas. Como assinalavam Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista, a classe operária, camada inferior da sociedade, ao levantar-se faz saltar toda a superestrutura formada pelas camadas reaccionárias, e liberta também as demais forças oprimidas. O fascismo será definitivamente derrotado com a derrota do imperialismo em todo o Globo. Há trinta anos passados, forças monopolistas ainda levantavam, momentaneamente, bandeiras democráticas. Hoje, nenhum país onde domine o capital financeiro se dá ao luxo de pregar e realizar a democracia. Todos os governos da burguesia reaccionária proclamam a necessidade de fortalecer o Poder Executivo, o que significa, em outras palavras, restringir mais e mais as liberdades para o povo e armar o Estado burguês de meios e fórmulas destinadas a reprimir as massas e esmagar qualquer tentativa de subida ao Poder das forças avançadas da sociedade.

Neste 26° aniversário da derrocada de Hitler, levantemos mais alto a bandeira da luta pela liberdade e pela independência nacional, combatemos com maior decisão a ditadura militar, o imperialismo e o social-imperialismo. Devemos indicar, e seguir, o caminho da revolução, único que conduz à conquista de melhores dias. O fascismo foi, é e sempre será um poder precário. O terrorismo que emprega em larga escala não o salvará da derrota inevitável. Acabará triunfando o anseio revolucionário das massas populares. Assim foi na Alemanha nazista, assim será no Brasil e em todos os lugares onde imperam regimes fascistas.

No caminho luminoso da construção socialista

Em novembro do ano passado a República Popular da Albânia comemorou o 30º aniversário de sua libertação. Sob a sábia direção do Partido do Trabalho da Albânia, o povo albanês bateu o invasor fascista e estabeleceu um poder popular. Desde logo compreendeu que a tarefa de reconstrução da Pátria não deveria ser encaminhada no sentido da reorganização das velhas formas semifeudais ou capitalistas, mas sim, identificada com a construção da nova ordem socialista. Por esta razão fundamental, a Albânia não só se libertou do invasor fascista como pôde construir a realidade que hoje ostenta aos olhos do mundo a de uma nação próspera, alinhada à frente do desenvolvimento social da Humanidade.

A magnitude das transformações realizadas na Albânia, sobretudo se referidas à situação em que o país se encontrava ao tempo da libertação, causa admiração a toda a gente, demonstra a imensa capacidade de seu povo que fez da audácia hábito cotidiano.

Já na guerra de libertação os albaneses deram provas de grande heroísmo e determinação. A muito rica e variada experiência acumulada pelo seu Exército Popular de Libertação é uma valiosa contribuição à luta popular revolucionária, um notável exemplo de articulação entre a luta armada no campo e na cidade, do início ao fim da luta armada. Quando, finalmente, os povos puderam tomar conhecimento de todo o trágico alcance da II Guerra, Enver Hodja, o grande líder do povo albanês, divulgou o custo que seu povo pagou pela independência 28 mil mortos, 16 mil feridos, 10 mil presos em campos de concentração, 35 mil submetidos a trabalhos forçados, 850 cidades e vilas destruídas a economia nacional destroçada. Relativamente ao tamanho do país e à sua população foi dos mais altos o preço pago por um povo durante a II Grande Guerra. Mas os indomáveis albaneses cobraram caro do invasor os seus sacrifícios. Puseram fora de combate entre mortos, feridos e prisioneiros, cerca de 70 mil fascistas italianos e alemães, capturaram 100 tanques blindados, 1.331 canhões e morteiros e 1.934 caminhões. Embora ajudados pela frente antifascista que se formou em escala internacional e pela participação destacada do Exército Vermelho soviético, que lutava sob a segura orientação de Stálin, os albaneses expulsaram o invasor para fora de suas fronteiras sem que tenha sido necessária a entrada de qualquer tropa amiga em seu território. E ainda enviaram voluntários para ajudar na libertação da visinha Iugoslávia.

A reconstrução da economia processou-se sob o impulso de forte motivação revolucionária. Uma rede de indústrias básicas foi construída, o problema ener

gético resolvido e a agricultura, experimentando extraordinárias transformações, tornou-se altamente racionalizada e mecanizada. O campo foi todo eletrificado. Em trinta anos a produção de carne e leite multiplicou-se por 15,. o volume de máquinas empregado na agricultura tornou-se 20 vezes superior.

Particularmente ao observador acostumado às imensas desigualdades sociais dos paises capitalistas, é admirável considerar o bem-estar geral em que vivem os albaneses. Com padrões simples de vida e costumes morais elevados, toda a gente tem condições dignas de trabalho, ninguém vive sob o tormento do desemprego, do subemprego, do salário baixo, ou da falta de assistência médica, dentária, farmaceutica, maternal, educacional etc. Estes requisitos, essenciais a uma situação de bem-estar geral, são assegurados a todo o povo pelo Estado Socialista. Ninguém paga imposto. E enquanto, por exemplo, no Brasil, a ampla massa trabalhadora remunerada (porque existe no campo a parcela não remunerada) ganha mais ou menos Cr$ 500,00 ao tempo em que os executivos das grandes companhias e altos funcionários da ditadura recebem Cr$ 40.000, Cr$ 50.000, Cr$ 60.000 e até muito mais, na Albânia o salário médio de um operário em uma grande metalúrgica de Tirana é de $ 620 leks, o de um engenheiro $ 1.000 leks, o de um director da fábrica $ 1.200 leks e o de um alto dirigente do Estado 1.700 lecks.

As actividades dirigentes, produtivas, culturais, sociais, de maneira geral,

estão permanentemente orientadas no sentido do profundamento da revolução nas novas condições da ditadura do proletariado. Isto é uma decorrência da justa apreciação que o Partido do Trabalho faz a respeito da continuidade da luta de classes, não só durante toda a etapa socialista mas até que o comunismo se instaure no mundo inteiro. O Controle Operário funciona em todos os sectores, desde o nível da fábrica ao do Estado. A luta contra o burocratismo é permanente e implica desafios cotidianos para descobrir as formas mais práticas de fazer as coisas e os métodos mais eficazes de educar as massas no combate à rotina e à tendência conservadoras.

No sector da instrução, cumpriu-se uma tarefa gigantesca após a libertação para que a educação se alçasse à altura do país que tem por símbolo duas águias. Antes de 1944, na Albânia não existia nenhuma instituição de ensino superior. O analfabetismo atingia 85% da população, chegando ao índice de 95% em regiões como Kruya, terra do grande herói nacional Skandenbeg. Hoje, não há nenhum analfabeto na faixa etária que vai dos 6 até os 40 anos. E de cada três albaneses, um frequenta alguma escola.

Os albaneses ingressam no curso primário aos 6 anos, passam pelas escolas médias e, preenchendo certos requisitos, frequentam a Universidade de Tirana ou qualquer de suas oito filiais espalhadas pelo país.

A Universidade de Tirana é uma moderna instituição de ensino, concebida de forma inteiramente revolucionária, onde a tarefa de estudar ganha dimensões desconhecidas em suas congêneres do mundo capitalista. Grosso modo, a Universidade funciona com 85 cátedras, 100 laboratórios de pesquisa, 45 diferentes especialidades, 850 professores, 16.300 alunos, 9.000 dos quais em cursos nocturnos. Da mesma forma que todo o sistema de ensino, a universidade objectiva formar quadros nos terrenos científicos fundamentais à construção da sociedade do futuro e que dominem o marxismo-leninismo e os ensinamentos do camarada Enver Hodja.

Para ingressar na Universidade há que preencher, preliminarmente, o critério político-moral e, após, qualificar-se em exames de capacitação científica. O preenchimento do primeiro critério depende da avaliação que o Controle Operário de uma unidade produtiva faça das qualidades observadas no candidato em, pelo menos, um ano de trabalho produtivo.

Os currículos universitários foram reestruturados a partir de 1969, com o aprofundamento do processo de revolucionarizaçao. Adaptaram-se ao estilo do "triângulo revolucionário" – educação, trabalho produtivo e formação político-militar. O ano letivo, para os dois sexos, foi organizado em três partes: sete a oito meses de curso nas cátedras específicas, um mês de trabalho produtivo e outro de preparação militar. O contato com a produção repete-se periodicamente para o profissional que conclui o período universitário. A cada três ou cinco anos ele volta a passar um ano no trabalho produtivo. Para o magistério exige-se uma prática produtiva prévia, sob a avaliação do Controle Operário de, pelo menos, cinco anos, o que, de qualquer sorte, não exclui a necessidade dos retornos posteriores à produção.

O alto espírito revolucionário que se observa em todos os aspectos da vida albanesa é a arma mais poderosa com que conta a Albânia para se prevenir das ameaças de eventuais inimigos internos ou externos. Mas a Albânia é, também, o primeiro país do mundo a conseguir realizar a meta socialista de ter todo o povo em armas. Cada unidade produtiva, escola, quarteirão ou povoado, em poucos minutos apronta-se para o combate e converte-se em poderoso apoio às Forças Armadas regulares. O pequeno país do Adriático, pela unidade e bravura de seu povo mobilizado e pela destreza e armamento superior de suas Forças Armadas se constitui num pedaço de terra inexpugnável.

Desde a libertação até os dias de hoje, guiando o povo albanês em suas inúmeras e grandiosas vitórias está o Partido do Trabalho da Albânia, que tem à frente o grande marxista-leninista contemporâneo, o provado camarada Enver Hodja. A história do Partido do Trabalho, como de resto a história da própria Albânia, patenteia que, mesmo não se contando com forças quantitativas numerosas e ainda que se tenha de enfrentar inimigos fortes, pode-se vencer, atingir um nível superior e chegar a ser uma poderosa força política internacional, desde que se adote as sólidas posições de princípio marxistas-leninistas. Por assim ter feito, o Partido do Trabalho da Albânia é um seguro baluarte do marxismo-leninismo, vigoroso crítico do revisionismo contemporâneo, magnifico exemplo para os comunistas de todo o mundo.

Na conjuntura atual de fortes tensões, quando a revolução cresce em plano mundial e em tantos países, quando as duas super-potências ameaçam e agridem os povos em todos os quadrantes, directamente ou através de títeres e prepostos a posição abertamente internacionalista da República Popular da Albânia é uma substancial ajuda à revolução dos povos, um apoio efectivo aos combatentes e aos marxistas-leninistas do mundo inteiro. A poderosa voz da Rádio Tirana, transmitindo sua mensagem revolucionária em 16 idiomas, levando a cada recanto o ponto-de-vista da Albânia, sua solidariedade a todas as lutas populares, seu incentivo e suas notícias, além de assinalar a enérgica orientação internacionalista albanesa, se constitui em um chamamento constante para que os povos trilhem o caminho vitorioso da revolução.

CLASSOP, MILITANTE ABNEGADO

Continuação da pag, 24

tica de grande valia, que não deve ser subestimada, uma forma concreta de lutar contra a ditadura. Naturalmente, os cuidados são necessários para defender o militante e a organização partidária de golpes da repressão.

A figura do CLASSOP identifica-se com a do militante abnegado, convencido de que as ideias revolucionárias, como enfatizava Marx, transformam-se em força material quando penetram na consciência das massas. Seu trabalho, modesto e pertinaz, trabalho de formiga, tem extraordinário valor e enorme alcance. De imediato, pode não aparecer muito. Seu resultado, porém, é dos mais compensadores e altamente produtivo. O CLASSOP é um arauto do Partido, um mensageiro da revolução.

Classop, militante abnegado

Quando transcorre o cinquentenário de fundação de A CLASSE OPERÁRIA, merece registro especial o contingente de militantes que se dedicaram à sua difusão entre os trabalhadores e as massas populares. Eles viveram e enfrentaram todas as vicissitudes que atravessou o órgão central do Partido Comunista. Compreendiam o significado das opiniões avançadas, expressas no jornal, e esforçavam-se ao máximo para divulgá-las amplamente. São milhares, muitos milhares, os que sofreram perseguições e passaram pelos cárceres porque distribuíam, aberta ou clandestinamente, A CLASSE OPERÁRIA. Há também os que perderam a vida nessa nobre tarefa. Todos prestaram relevante serviço à revolução.

No período da legalidade – Março de 1962/Março de 1964 – A CLASSE contou com a colaboração ativa de inúmeros CLASSOPs. Era vendida nas bancas dos jornaleiros em todo o país. Mas era vendida também em comandos. Uma correspondência de São Paulo publicada em Agosto de 1962, dizia: "Compreendendo a importância da difusão d'A CLASSE OPERÁRIA, os comunistas vêm-se dedicando, cada vez mais, à realização de comandos para levar o jornal aos trabalhadores, nas portas das fábricas, nas feiras e de casa em casa. Nesse trabalho, alguns companheiros têm-se destacado. Por exemplo, na Casa Verde, um velho militante conseguiu 50 leitores fixos do jornal e faz constantemente comandos com seus companheiso. Outros comandistas que nestas últimas semanas alcançaram verdadeiro recorde individual na difusão de A CLASSE foram os companheiros Wilson e Gáucho (Manuel Nurquas). Num comando em Guianazes, em pouco mais de uma hora, eles venderam 150 jornais. No dia 5 de Agosto, fizeram um comando em Ermelindo Matarazzo e venderam em pouco tempo 200 exemplares. Além deles, inúmeros outros companheiros vêm-se dedicando à difusão de A CLASSE."Numa outra correspondência, publicada na mesma data, proveniente de São Gonçálo, Estado do Rio, se dizia: "Leitores de A CLASSE OPERÁRIA, no último dia 2, realizaram um bom comando para a venda do jornal na porta da Usina Metalúrgica HIME. Os comandistas ofereciam o periódico aos trabalhadores dizendo tratar-se de um jornal comunista. Dezenas de exemplares foram vendidos em poucos minutos". E assim em quase todos os Estados.

Atualmente, sob o regime terrorista dos generais, não se pode aplicar os mesmos métodos daquele período. Mas o CLASSOP continua sendo indispensável. Ele precisa estudar as formas mais variadas e adequadas à distribuição com segurança do jornal, entendendo que onde chega A CLASSE, aí chegam a orientação e a política correcta do Partido. Entre outros meios, o CLASSOP deve preocupar-se constantemente em selecionar nomes e endereços de pessoas que lhe pareçam mais úteis receber o jornal. Esses nomes e endereços podem e devem variar, ou repetir-se, mas multiplicar-se sempre. É uma ação propagandis-

Continua na pág. 23